

Tarefa 11 – Professora Vanessa

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir para responder à(s) questão(ões) a seguir.

O mundo como pode ser: uma outra globalização

Podemos pensar na construção de um outro mundo a partir de uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir uma globalização perversa. Mas essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos. Parece que as condições históricas do fim do século XX apontavam para esta última possibilidade. Tais novas condições tanto se dão no plano empírico quanto no plano teórico.

Considerando o que atualmente se verifica no plano empírico, podemos, em primeiro lugar, reconhecer um certo número de fatos novos indicativos da emergência de uma nova história. O primeiro desses fenômenos é a enorme mistura de povos, raças, culturas, gostos, em todos os continentes. A isso se acrescenta, graças ao progresso da informação, a “mistura” de filosofia, em detrimento do racionalismo europeu. Um outro dado de nossa era, indicativo da possibilidade de mudanças, é a produção de uma população aglomerada em áreas cada vez menores, o que permite um ainda maior dinamismo àquela mistura entre pessoas e filosofias. As massas, de que falava Ortega y Gasset na primeira metade do século (*A rebelião das massas*, 1937), ganham uma nova qualidade em virtude de sua aglomeração exponencial e de sua diversificação. Trata-se da existência de uma verdadeira sociodiversidade, historicamente muito mais significativa que a própria biodiversidade. Junte-se a esses fatos a emergência de uma cultura popular que se serve dos meios técnicos antes exclusivos da cultura de massas, permitindo-lhe exercer sobre esta última uma verdadeira revanche ou vingança.

É sobre tais alicerces que se edifica o discurso da escassez, afinal descoberta pelas massas. A população, aglomerada em poucos pontos da superfície da Terra, constitui uma das bases de reconstrução e de sobrevivência das relações locais, abrindo a possibilidade de utilização, ao serviço dos homens, do sistema técnico atual.

No plano teórico, o que verificamos é a possibilidade de produção de um novo discurso, de uma nova metanarrativa, um grande relato. Esse novo discurso ganha relevância pelo fato de que, pela primeira vez na história do homem, se pode constatar a existência de uma universalidade empírica. A universalidade deixa de ser apenas uma

elaboração abstrata na mente dos filósofos para resultar da experiência ordinária de cada pessoa. De tal modo, em mundo datado como o nosso, a explicação do acontecer pode ser feita a partir de categorias de uma história concreta. É isso, também, que permite conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. 13. ed. São Paulo: Record, 2006. p. 20-21. (Adaptado).

01. (Ueg 2018) Considere o seguinte recorte:

“As massas, de que falava Ortega y Gasset na primeira metade do século (*A rebelião das massas*, 1937), ganham uma nova qualidade em virtude de sua aglomeração exponencial e de sua diversificação”.

O discurso do outro é apresentado nesse trecho por meio de uma

- a) representação
- b) implicação
- c) paródia
- d) alusão
- e) cópia

02. (Upe-ssa 1 2017) Leia atentamente os textos verbais e não verbais a seguir.

Texto 1

Meus Oito Anos

Oh! que saudades que eu tenho
Da aurora de minha vida,
De minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
A sombra das bananeiras,
Da rua de Santo Antônio
Debaixo dos laranjais
(Casimiro de Abreu)

Texto 2

Meus Oito Anos

Oh que saudades que eu tenho
Da aurora de minha vida
Das horas
De minha infância
Que os anos não trazem mais
Naquele quintal de terra!
Da rua de Santo Antônio
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais
(Oswald de Andrade)

Texto 3

ZIRALDO ALVES PINTO/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

LIVRO É GÊNERO DE PRIMEIRA NECESSIDADE.

LIVRO É PRA LEVAR PRA CASA.
É pra criança ler com a mamãe,
o papai, a vovó, a família toda!
É um objeto para ser amado
pela criança. Pra ela
dormir abraçada,
escrever seu nome nele,
colorir suas figuras, usufruí-lo...



MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO

Professores, os livros da nova coleção de literatura para o 3º e o 4º ano do Ensino Fundamental estão sendo entregues nas escolas.
E devem ser distribuídos aos alunos no início do ano letivo de 2003.

DEIXE A CRIANÇA VIVER COM O LIVRO!

Nova Escola, São Paulo, dez. 2002.

Texto 4

CARAMURU

Canto VI

XXXVII

Copiosa multidão da nau francesa
Corre a ver o espetáculo, assombrada;
E, ignorando a ocasião de estranha empresa,
Pasma da turba feminil, que nada.
Uma, que às mais precede em gentileza,
Não vinha menos bela do que irada;
Era Moema, que de inveja geme,
E já vizinha à nau se apega ao leme.

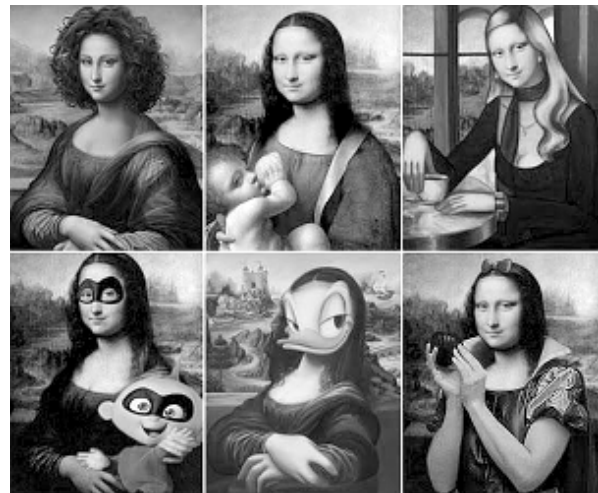
XXXVIII

— “Bárbaro (a bela diz:) tigre e não homem...
Porém o tigre, por cruel que breme,
Acha forças no amor que enfim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame.
Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquele infame?
Mas apagar tanto amor com tédio e asco...
Ah que corisco és tu... raio... penhasco?
(...)
(José de Santa Rita Durão)

Texto 5



Texto 6



Com base nos textos 1, 2, 3, 4, 5 e 6, analise as afirmativas a seguir e assinale com V as Verdadeiras e com F as Falsas.

- () É considerado um intertexto todo aquele texto que cruza com outro texto e estabelece com este uma inter-relação nova e singular. Dessa forma, pode-se afirmar que os Textos 1 e 2 são considerados um intertexto.
- () O Texto 3 se trata de um cartaz sobre uma campanha publicitária promovida pelo Ministério da Educação, em 2003. Nele se observa a predominância de uma função da linguagem, que é a função emotiva ou expressiva.
- () O Texto 4 é um trecho do poema lírico do Barroco brasileiro, o qual narra os feitos heroicos de Diogo Álvares Correia, que ensina aos índios tupinambás as leis e a cultura dos europeus. Esse poema foi parodiado no filme *Caramuru – A Invenção do Brasil*, conforme está indicado no Texto 5.



- () A paródia é a recriação de um texto com a finalidade de ironizar, criticar, provocar humor, satirizar um outro texto que serviu de referência. Assim, pode-se afirmar que o Texto 6 é um exemplo de paródia.

A sequência CORRETA, de cima para baixo, é:

- a) V – V – F – V
 b) F – V – V – F
 c) F – F – V – F
 d) V – F – V – F
 e) V – F – F – V

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

“ATAQUES” DE MOTORISTAS



Legenda da placa:

PERIGO!
 Área sujeita
 a ataque
 de motoristas.

ATENÇÃO!
 A cada dois dias, um
 pedestre ou ciclista
 é morto no trânsito
 do Recife

- No dia em que o Código de Trânsito Brasileiro (Lei 9.503/1997) completou 19 anos, a Associação Metropolitana de Ciclistas do Grande Recife (Ameciclo) afixou duas placas metálicas numa paródia aos ataques de tubarões, com o objetivo de alertar para os “ataques” de veículos, ontem pela manhã, em Boa Viagem, Zona Sul do Recife. As placas fazem parte da campanha Abaixo a Morte no Trânsito. Uma delas foi instalada na praia de Boa Viagem, junto aos avisos de presença de tubarões, e outra em ponte na Rua Desembargador José Neves, onde dois jovens foram atropelados e mortos em agosto.
- O cicloativista Daniel Valença, 32 anos, comemora o fato de seis dos oito candidatos a prefeito do Recife terem assinado o documento que inclui o compromisso com a redução anual de 20% no número de acidentes de trânsito. Os dois nomes ausentes são o atual prefeito, Geraldo Julio (PSB), que se recusou, e Pantaleão, do Partido da Causa Operária (PCO), que não chegou a receber o texto.
- A pressão aos candidatos é estimulada pela internet no endereço bastademortesnotransito.com.br, que destaca a ocorrência de 560 mortes no trânsito em 2014 na

capital pernambucana. O número equivale a 34,6 mortes para cada 100 mil habitantes, muito acima da média do Brasil, de 23,4. No portal, a sociedade é estimulada a narrar seus casos de familiares, amigos e parentes vitimados.

“Ataques” de motoristas. *Diário de Pernambuco*. Disponível em: http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/cadernos/vidaurbana/2016/09/26/interna_vidaurbana,154620/ataques-de-motoristas.shtml Acesso: 04 out. 2016.

- 03. (G1 - ifpe 2017)** Considere-se que a paródia é uma figura de linguagem que consiste na modificação de trecho ou obra de outro autor, ou ainda de um clichê, com intuito jocoso, cômico ou crítico. Tendo em vista a paródia presente nas placas de que fala o texto “‘Ataques’ de motoristas”, a crítica e o humor estão garantidos graças aos seguintes procedimentos:

- manteve-se o termo “motoristas” e substituiu-se “tubarões” e “banhistas” por “ataques” e “ciclistas”, respectivamente.
- manteve-se o termo “ataques” e substituiu-se “tubarões” e “banhistas” por “motoristas” e “ciclistas”, respectivamente.
- manteve-se o termo “ataques” e substituiu-se “tubarões” e “banhistas” por “ciclistas” e “banhistas”, respectivamente.
- manteve-se o termo “tubarões” e substituiu-se “ataques” e “banhistas” por “acidentes” e “ciclistas”, respectivamente.
- manteve-se o termo “ataques” e substituiu-se “tubarões” e “banhistas” por “ciclistas” e “pedestres”, respectivamente.

- 04. (Upe-ssa 1 2016)** A relação entre textos sempre existiu como retomada de um texto mais novo de outro que o antecede, contudo o termo intertextualidade foi usado pela primeira vez por Julia Kristeva, que, baseando-se nos estudos de Bakhtin sobre o discurso, concluiu: “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”.

(Fonte: KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.72.)

Sobre intertextualidade, analise os textos 1 e 2.

Texto 1

Ainda que eu falasse a língua dos homens
 E falasse a língua dos anjos
 Sem amor eu nada seria

É só o amor, é só o amor
 Que conhece o que é verdade
 O amor é bom, não quer o mal
 Não sente inveja ou se envaidece

O amor é o fogo que arde sem se ver
 É ferida que dói e não se sente
 É um contentamento descontente
 É dor que desatina sem doer



Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria

É um não querer mais que bem querer
É solitário andar por entre a gente
É um não contentar-se de contente
É cuidar que se ganha em se perder

É um estar-se preso por vontade
É servir a quem vence, o vencedor
É um ter com quem nos mata a lealdade
Tão contrário a si é o mesmo amor
[...]

(Renato Russo, Monte Castelo)

Texto 2

Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

(Camões)

Assinale a alternativa **CORRETA**.

- Em *Monte Castelo*, Renato Russo dialoga com dois textos distintos: o poema de Camões *Amor é fogo que arde sem se ver*; e a *Bíblia*, no Capítulo 13 da 2ª Carta de Paulo aos Coríntios, quando fala do Amor como um bem supremo, além de o título aludir a uma batalha da Segunda Guerra Mundial, da qual participaram soldados brasileiros.
- Partindo do conceito de intertextualidade, expresso por Julia Kristeva, pode-se afirmar que Renato Russo não devia ter lançado mão de partes da Bíblia Sagrada para montar a letra de uma música profana.
- O diálogo entre textos conduz indiscutivelmente ao plágio; dessa maneira, a montagem, como paródia de três diferentes textos, realizada por Renato Russo, não o isenta da responsabilidade de ter usado indevidamente a produção de autores que o antecederam.
- Monte Castelo não foi uma montagem de dois textos, pois não houve intencionalidade do poeta em realizar tal façanha. A semelhança entre os textos é mera coincidência.
- O trabalho artístico do compositor brasileiro não pode ser considerado arte, porque não apresenta originalidade e ineditismo; trata-se de uma mera paráfrase de textos anteriores a ele.

Inadmissível de acordo com as concepções dos dois autores: Bakhtin e Kristeva.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

INSTRUÇÃO: A(s) questão(ões) a seguir toma(m) por base as primeiras quatro estrofes da *Canção do Tamoio*, do poeta romântico Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), um trecho da *Oração aos Moços*, de Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923), e o *Hino do Deputado*, do poeta modernista Murilo Monteiro Mendes (1901-1975).

Canção do Tamoio

I

Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

II

Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.

III

O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as frentes,
Escutam-lhe a voz!

IV

Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!



Não fujas da morte,
Que a morte há de vir!

(GONÇALVES DIAS, Antônio. *Obras Poéticas. Tomo II*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 42-43.)

Oração aos Moços

Magistrados ou advogados sereis. Suas duas carreiras quase sagradas, inseparáveis uma da outra, e, tanto uma como a outra, imensas nas dificuldades, responsabilidades e utilidades.

Se cada um de vós meter bem a mão na consciência, certo que tremerá da perspectiva. O tremer próprio é dos que se defrontam com as grandes vocações, e são talhados para as desempenhar. O tremer, mas não o descorçoar. O tremer, mas não o renunciar. O tremer, com o ousar. O tremer, com o empreender. O tremer, com o confiar. Confiai, senhores. Ousai. Reagi. E haveis de ser bem sucedidos. Deus, pátria e trabalho. Metei no regaço essas três fés, esses três amores, esses três signos santos. E seguí, com o coração puro. Não hajais medo a que a sorte vos ludibrie. [...]

Idealismo? Não: experiência da vida. Não há forças, que mais a senhoreiem, do que essas. Experimentai-o, como eu o tenho experimentado. Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado. Mas meramente para variar de posto, e, em vos sentindo incapazes de uns, buscar outros, onde vos venha ao encontro o dever, que a Providência vos haja reservado.

(BARBOSA, Rui. *Oração aos moços* [discurso de paraninfo dos formandos da Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1920]. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 58-59.)

Hino do Deputado

Chora, meu filho, chora.
Ai, quem não chora não mama,

Quem não mama fica fraco,
Fica sem força pra vida,
A vida é luta renhida,
Não é sopa, é um buraco.

Se eu não tivesse chorado
Nunca teria mamado,
Não estava agora cantando,
Não teria um automóvel,
Estaria caceteado,
Assinando promissória,
Quem sabe vendendo imóvel
A prestação ou sem ela,
Ou esperando algum tigre
Que talvez desse amanhã,
Ou dando um tiro no ouvido,
Ou sem olho, sem ouvido,

Sem perna, braço, nariz.

Chora, meu filho, chora,
Anteontem, ontem, hoje,
Depois de amanhã, amanhã.
Não dorme, filho, não dorme,
Se você toca a dormir

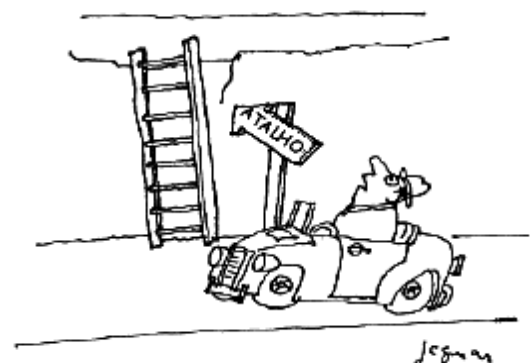
Outro passa na tua frente,
Carrega com a mamadeira.
Abre o olho bem aberto,
Abre a boca bem aberta,
Chore até não poder mais.

(MENDES, Murilo. "História do Brasil, XLIII". In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 177-178.)

05. (Unesp 2002) O "Hino do Deputado" constitui uma paródia moderna da "Canção do Tamoio", isto é, retoma a estrutura de tal texto, mas com transformações que revelam a intenção cômica, jocosa e crítica de Murilo Mendes. Com base nesta observação,

- mencione dois versos do "Hino do Deputado" que deixam explícita a intertextualidade desse poema com a "Canção do Tamoio";
- assumindo o ponto de vista dos princípios de moralidade vigentes, faça um julgamento dos conselhos que o eu-poemático dá ao filho, no "Hino do Deputado".

06. (Unesp 2003) A questão seguinte toma por base uma ilustração do cartunista brasileiro Jaguar (Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe, 1932) ao livro "A completa Lei de Murphy".



Um atalho é a distância mais longa entre dois pontos.

Arthur Bloch, *A completa Lei de Murphy*. Traduzido e transubstanciado por Millôr Fernandes.

Tomando por base que a ilustração de Jaguar se refere à chamada "Lei de Murphy", cujo enunciado fundamental é "Se alguma coisa pode dar errado, dará",



- a) estabeleça uma relação entre a "Lei de Murphy", a legenda da ilustração e o princípio matemático que essa legenda parodia;
- b) demonstre em que medida os elementos visuais da ilustração reafirmam o conteúdo da legenda.

07. (Enem PPL 2012) TEXTO I

Pessoas e sociedades

Pessoa, no seu conceito jurídico, é todo ente capaz de direitos e obrigações. As pessoas podem ser físicas ou jurídicas.

Pessoa física - É a pessoa natural; é todo ser humano, é todo indivíduo (sem qualquer exceção).

A existência da pessoa física termina com a morte. É o próprio ser humano. Sua personalidade começa com o seu nascimento (artigo 40 do Código Civil Brasileiro). No decorrer da sua vida, a pessoa física constituirá um patrimônio, que será afastado, por fim, em caso de morte, para transferência aos herdeiros.

Pessoa jurídica - É a existência legal de uma sociedade, associação ou instituição, que aferiu o direito de ter vida própria e isolada das pessoas físicas que a constituíram. É a união de pessoas capazes de possuir e exercer direitos e contrair obrigações, independentemente das pessoas físicas, através das quais agem. É, portanto, uma nova pessoa, com personalidade distinta da de seus membros (da pessoa natural). Sua existência legal dá-se em decorrência de leis e só nascerá após o devido registro nos órgãos públicos competentes (Cartórios ou Juntas Comerciais).

POLONI, A. S. Disponível em: <http://uj.novaprolink.com.br>. Acesso em 30 ago. 2011 (adaptado)

TEXTO II



Disponível em: www.respirandodireito.blogspot.com. Acesso em: 30 ago. 2011.

Os textos I e II tratam da definição de pessoa física e de pessoa jurídica. Considerando sua

função social, o cartum faz uma paródia do artigo científico, pois

- a) explica o conceito de pessoa física em linguagem coloquial e informal.
- b) compara pessoa física e jurídica ao explorar dois tipos de profissão.
- c) subverte o conceito de pessoa física com uma escolha lexical equivocada.
- d) acrescenta conhecimento jurídico ao definir pessoa física.
- e) complementa as definições promovidas por Antonio Poloni.